

Os rumos da prosa: parentes chegados, primos cunhados

Ana Carneiro*

Sabe? Hoje, penso que a arte de viver deve ser apenas tática; toda estratégia, nessa matéria particular, é culposa.

(Guimarães Rosa)

1. Chegantes chegados

Trouxe um presente pro senhor!, grita o primo a Sebastião Russo, chamado Tião. Quando o primo se aproxima da porteira acompanhado de outro, alguém dentro da casa enxerga e avisa: “É Miguelão que vem com ele!”. Da varanda, Tião então abre um sorriso levantando as mãos em gesto de súplica para em seguida levantar-se da cadeira, interrompendo a madorna de há pouco. Miguel chega barulhando: Ê, Sebastião-Russo-Velho! Entrevou ou será que já criou raiz nos Buracos?! O chegante tem o modo barulhento. E como todo alarde é tanto maior quanto maior se quer o prazer da visita, Tião reage também em alto volume, devolvendo a piada. Diz estar mesmo entrevado e ri de si. E você, veio caçar mulher na Folia dos Buracos?! Hahahá! A barulhada anima o ambiente. Vera, a esposa de Tião, vem à varanda seguida do filho Joel Mendes. As risadas estendem-se entre os demais com risos abertos e braços levantados. Miguelão, o mais efusivo, o modo de falar fanhoso e entrecortado, tira o chapéu e abraça os que vêm lhe apertar a mão na área. Naquela ocasião entendi pouco do que Miguelão disse, mas julguei compreender o sentido da zoadá: havia alegria.

Miguel é primo de Sebastião, como aquele que o trouxera, mas além disto, fora casado com a irmã deste último, Ana, conhecida pelo apelido Mãezinha. Antes daquela tarde, eu já havia ouvido sobre Seo Miguelão, “o ex de Mãezinha”. A conversa dele é difícil de entender, mas é boa pessoa

* Doutora em Antropologia Social, pelo Programa de Pós-Graduação do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAS-MN/UFRJ). Integra os grupos de pesquisa NanSi (Núcleo de Antropologia Simétrica) e Nuap (Núcleo de Antropologia da Política), no PPGAS-MN/UFRJ.

demais!, avisaram-me. Naquele encontro, Tião foi quem o apresentou a mim pessoalmente: “Somos cunhados!”, ao que Vera, esposa deste, emendou: “E também primos!” Nisto, Tião volta os olhos para a esposa, franze uma sobrancelha e torna a lhe virar as costas em silêncio, retornando à conversa com os outros. Vera grunhe uma ou duas palavras inaudíveis. Aquela breve e discreta comunicação entre o casal ressalta, por contraste, a cordialidade de Tião para com seus visitantes. Era de bom tom que se afirmassem cunhados, deduzi. E a barulhada efusiva falava também sobre isto. Mais tarde, ainda ali, eu testemunharia a conversa rumar justamente para os causos de separação entre casais, assunto no qual Seo Tião mostrava-se inflexível. Tem que ter opinião!, dizia ele sobre a gravidade do divórcio. Eu sou de opinião! Não deu certo, tudo bem, mas aí separou-separou, repetiria Tião sobre as relações rompidas.

De Seo Miguel, pode-se dizer que é um buraqueiro: sua terra é onde mora “o povo dos Buracos”, seus parentes. Há muitos anos não vive mais ali, onde nasceu e se casou. Hoje, está no Rio Preto, cerca de nove horas a cavalo, em uma terra comprada por ele mas cujos direitos foram recentemente restringidos pela presença do IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis), hoje ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade). O tempo de viagem e as consequências da idade – o corpo já encarquilhado – fazem com que as visitas ao seu povo não sejam frequentes. Assim, aquele encontro guardava a promessa de boa prosa, conforme indicava a animação de todos com a chegada. O próprio Miguel, porém, precisou adiantar suas escusas, lastimando-se. Não podemos tardar mode a chuva!, justificou. Ele e o primo seguiriam dali para o local aonde, mais tarde, chegariam os foliões da *Folia de Reis*, os foliões de José Espinosa. Festar! A chuva se ameaçava para ainda durante aquela tarde e lhes pedia que apressassem o passo. Miguel analisou então o pretume das nuvens e prometeu outra vinda em breve, com mais calma, mas Tião não lhe deu ouvidos, Entra cá para dentro!, e faz gesto de corpo rumo à cozinha. Numa silenciosa tensão entre a despedida latente e a intenção de entrar, todos permaneceram de pé sem sair do lugar. No dizer do povo, sem voltar para trás nem seguir para frente! Hahahá! Enfim, sentaram-se no banco da área. Tião comentou o processo de piora de seu problema “nas vistas” e assim a conversa se desenrolou. Lado a lado, de frente para a escola construída diante da casa, os três como que olhavam para o nada quando, numa pausa de

silêncio assuntaram no rumo de Mãezinha a zoeira de dois cavaleiros. Nesta hora mesmo a chuva começa. Primeiro, fina. “É chuva de manga! Acolá está seco”, observaram os primos sentados no alpendre.

É dali que diariamente Tião e os da casa assuntam o movimento do povo: atenção aos passantes, saber destes a procedência e o destino, saber quem foram os encontrados pelo caminho. Através desse movimento, mapeiam-se as relações de cada casa ou família: o que foi necessário comprar, o que se conseguiu plantar e colher, a quem um e outro ajudaram, o que foi necessário “caçar na vila”. Sejam problemas de saúde, de dinheiro, amor ou desavença. E assim se mapeiam também as relações entre as diversas casas. Tudo isto se traduz em deslocamentos analisados como que por meio de uma semiótica específica: os fluxos em certa direção, bem como a concentração de gente em um determinado ponto, são como sintomas; os causos contados por quem passa, como que diagnósticos de relações. Tião, por estar praticamente cego, raramente sai de sua casa, tendo-se transformado em testemunha privilegiada deste movimento. No episódio daquela tarde, o marasmo da paisagem falava sobre os preparativos da festa de *Folia de Reis*. Sabíamos onde se encontrava o povo buraqueiro ausente: as pessoas estavam em suas respectivas casas, arrumando-se para logo mais tomarem o rumo da festa.

Eu mesma esperava o café da tarde para em seguida arrumar-me e seguir rumo à Folia. Os homens que se aproximavam da área de Tião já estavam “molhados”, termo que indica não apenas o efeito da chuva; traz também o sentido metafórico de “bêbado”, isto é, “molhado de pinga”. Era “mode a festa”; seus sinais já se adiantavam no modo daqueles cavaleiros chegantes.

Logo a chuva engrossa, molhando os homens montados, e os observadores fazem graça: “Não faz mal pra eles, eles já estão bem molhados mesmo! Hahahá!”. Havia ainda neste comentário uma possível referência a um outro sentido: “molhado” é também sinônimo de “tolo”, “abestalhado”, “de juízo ruim”. Via-se pelo descontrole de seus animais e pelo litro de cachaça sob o sovaco de um deles. A chuva aumentou e, de repente, um dos cavalos dá um pinote e quase derruba o dono! Epa! Desajeitados, os cavaleiros aproximaram-se da escola e fizeram uma brusca manobra, mudando seu prumo para então ir rompendo: enfim desceram o Calengue em direção ao local da festa sem encostar na casa de Tião. Passaram diante de nós, sem sequer um aceno de mão. Uma atitude tão rara quanto ofensiva, sobretudo se tomada entre parentes. Mas não se comentou o fato; era assunto

delicado. Um dos cavaleiros molhados é o atual marido da ex-mulher do primo visitante, trazido por Miguel. Mais precisamente, é atual “amigado”, pois que não se casaram em igreja ou cartório. Vivem juntos e, no dizer do povo, “amigado com fé casado é”.

Quando casado, o tal primo morava “fora”, em uma área definida por seis fazendas e algumas casas, no alto dos Buracos, beirando a rodagem. Desde que a esposa o deixou, mora sozinho em sua terra herdada nos Buracos. A ex-mulher foi morar com seu amigado não-distante dali, terra ainda considerada buraqueira, embora já fora do cânion chamado Vão dos Buracos, já na área de chapada, no planalto onde estão as fazendas com as lavouras de capim e soja, além de algum cerrado remanescente. O celibato do primo vizinho trazido por Miguelão frequentemente é feito piada, não por desrespeito, mas por graça. O próprio se ri de si, mas é quando está entre “chegados”.

Como se diz de parentes com “sangue parecido”, “chegado” é aquele de quem se espera uma relação específica, uma relação pessoal constituída pelo ‘fluxo’ rotineiro de prosa e comida. Dizer que se têm muitos “conhecimentos” é frequentemente o mesmo que dizer sobre as muitas relações “chegadas” que se têm. Um parente definido como “chegado” *chega* a esta posição em função da proximidade, na linha de descendência, com quem se diz “perto na parentesa”. Analogamente, um chegado qualquer (não-parente) é qualquer um com quem se possa construir, via narrativa, uma cadeia de relações, uma aproximação inteligível. Em suma, a ideia implicada no termo “chegado” não é apenas a de um dado da consanguinidade; ou seja, é possível tornar-se “chegado”. Trata-se de uma série de condutas de aproximação, de criação de intimidade: visitas, trocas de palavras e de comidas.

Nos Buracos, o fato de ser parente é significativo à medida que envolve uma série de outros vínculos, dos quais sairão lembranças comuns e causos inéditos. Desta intimidade necessária, tratava o causo que Miguelão contaria logo de sua chegada à casa de Tião. Mesmo que a passagem desajeitada dos cavaleiros molhados não tenha sido matéria de conversa, havia ali o assunto que por fim renderia conversa, o assunto das relações rompidas. O causo era o seguinte: pouco antes de chegar onde estava Tião, Miguel entrara na casa do outro primo barulhando do jeito que era próprio seu. Então gritou com troça ao dono da casa: “Você está feio demais! Não arranja mulher desse jeito não!”. O homem havia recém extraído os sete dentes que ainda lhe restavam na boca para colocar a dentadura completa, a chapa; e enquanto a

gingiva não cicatrizasse, encontrava-se inteiramente sem dentes. Ao soltar sua barulhada, portanto, Miguelão não fazia mais do que um gesto comum entre gente chegada. Era brincadeira para ser feita entre chegados! Era brincadeira! Piada feita; entretanto, Seo Miguel percebe ali a presença do outro, o primo atualmente amigado com a ex-mulher do homem sem dentes.

O desconcerto do chegante veio acompanhado de indignação; imediatamente. Como ia imaginar? Aquele homem *dentro* da casa do outro? A presença do atual marido da ex-mulher do dono da casa mudava o rumo da prosa, não se podiam dizer as mesmas coisas, ao menos não do mesmo modo. Ainda mais o outro bêbado!, ressaltou Tião. O estado de embriaguez tornava especialmente temerosa uma situação já delicada. Defrontar-se com o homem que tomou sua esposa é sempre uma espécie de confronto e, se o sujeito é de paz, como no caso do primo banguela, a melhor arma é o silêncio. Assim foi feito, contaram os chegantes chegados. Mas a cachaça não é afeita a situações de silêncio; ao contrário, costuma ser motivadora de “prosa ruim”, e nisto Tião reforçava seu argumento: “a pinga é danada, a gente nunca sabe...”. Miguelão concordava com Tião e se repetia indignado, justificando-se: “Você acha que eu ia fazer uma brincadeira daquelas se imaginasse que o outro podia estar ali? Nunca ia falar um trem daquele na frente do outro! Mas como eu podia pensar?!”. O primo banguela balançava a cabeça negativamente, pacífico. Por sua parte, justificava-se também: “É que eu sou mesmo um sujeito que não gosta de malquerença...”. E todos na varanda balançavam a cabeça em sinal positivo. A parte errada da estória era o outro, concordavam.

A esta altura, Vera já havia entrado em casa para, minutos depois, retornar à varanda e avisar: “O café está passado”. Os homens então não mais hesitaram, a ameaça de partida se extinguiu. Dirigiram-se ao interior da casa como que automaticamente, passando pela sala diretamente à cozinha: “Ao menos molhar a boca para dois dedos de prosa! Não se recusa um café depois de tanto tempo longe...”. Por ali contaram outros causos, puxados por aquele primeiro, trazido por Miguelão e o primo vizinho: os de cá contaram da visita que a ex-esposa deste fez à sua ex-sogra; o de lá, que encontrou Seo Fulano na Vila. Ele fica sem jeito com o amigamento do filho com a que era esposa do outro, pois que este é gente da gente... Já estavam separados quando se deu o causo, mas fica sem jeito mesmo assim, é tudo gente da gente, tudo chegado... Fazer... Vera serviu um taco de queijo e algumas bolachas, uma merenda especial em se considerando a chegada repentina. Então o tempo

se estendeu abrindo espaço à conversa que animou os presentes. No que se previu como rápida passagem para um aperto de mão, veio a se configurar uma visita. Permanecemos o resto da tarde na cozinha. Comemos, bebemos, falamos. O de-comer foi puxando causo.

2. Fazer-se chegado

Nos Buracos, oferecer um de-comer é abrir as condições para a prosa; dar-lhe movimento, “animação”. A comida “puxa” a prosa assim como o carro da escola “puxa” os alunos, ou como um filho “puxa” o sangue dos pais: o primeiro tem em relação ao segundo um vínculo pressuposto à medida que exerce sobre este um efeito de deslocamento. Mas esta espécie de atração também ocorre em sentido inverso: a inauguração de uma “boa prosa”, que se queira demorada porque prazerosa, também “puxa” a oferta do de-comer, tal qual ocorreu na casa de Tião e Vera. Nesses casos, não se imagina tratar de um assunto em especial, seja negócio ou mensagem trazida. O fito ali é mesmo “só bestar”, “bestar nas casas”, “contar causo”, “contar mentira”.

A pessoa para ter conhecimento tem que viajar, dizem os buraqueiros; “quem não caminha, não conhece”, diz o dizer. Assim, os deslocamentos até outras casas não necessitam de um motivo em especial; tampouco sua prosa. Este modo de conversar displicente em que se configura a prática de “contar causos” é para os buraqueiros um hábito “besta”, pode-se dizer; no sentido de que não se presta a um objetivo pré-programado, conversa-se porque assim é “o modo da gente”, assim é “o sistema mineiro”. Os encabulados, os “de pouca prosa”, chamam-se “brabinhos”: “parece que é filho de bicho! Nem parece que é filho de gente...”. Conversar é o que se espera das pessoas “certas do juízo”. Quando se planeja, por exemplo, subir a serra nas rotineiras idas e vindas entre Buracos e Chapada Gaúcha, é de praxe procurar na vizinhança os que estejam de plano similar; assuntam mode encontrar um companheiro de viagem. É bom! A gente conversa, fica com o sentido naquilo; nem vê o tempo passar...

Contar causo constitui, a rigor, uma atitude displicente, tão desinteressada quanto prazerosa; mas gera movimento, o que não ocorre sem algum “sentido” deliberado, seja para se conhecer o que se conta, seja para se chegar a quem se quer contar. Qualquer “causo” resulta, portanto, de uma experiência de deslocamento, pois quem conta é porque chegou de

onde tomou conhecimento do que conta. A estrada e as casas são locais de circulação de causos. Talvez por isto, ouvi tantas vezes as parentas mais velhas ralharem contra a educação dada aos filhos das mães mais novas: filho não é para ser criado nas estradas! Igualmente, diz-se: filho não é para ser criado nas casas! É nas casas que “o povo conversa”, quando a comida acompanha o causo no prazer que um e outro propiciam, testemunhando as boas relações que esta dupla oferta supõe.

Em ambos os casos, o da casa e o da estrada, deduz-se um relaxamento que não condiz com a imagem buraqueira da criação de filhos, os quais precisam calar diante dos mais velhos em sinal de respeito e com intuito de aprender. Por outro lado, se entre crianças a prática de “bestar nas casas” é aceitável quando em horário de lazer, entre adultos ela se contrapõe aos compromissos de trabalho que se esperam já cumpridos. Só bestando nas casas..., diz-se em tom de reprovação a um adulto. “Nas casas”, dá-se tempo à prosa fortuita, e então o “bestar” corresponde genericamente à circulação desinteressada pela vizinhança. Mas, nas “visitas”, a ideia de “bestar” assume um sentido menos repreensível, pois que ali o prazer da prosa aparece em seu momento mais deliberadamente explicitado, o que lhe proporciona decerto um “sentido” – seja este o próprio estabelecimento do laço, a sociabilidade, poder-se-ia dizer. É o que atesta a objetificação dos buraqueiros que migraram para as cidades: passar as férias “na roça”, dizem, é bom para bestar, fazer as visitas, comer, prosear bom, saber as “notícias do povo”...

Entre as ideias de “visitar” uma casa ou apenas “encostar”, note-se que, no primeiro caso, a extensão da conversa é uma responsabilidade assumida por anfitrião e visitante; sua demora e interesse darão forma aos causos que sairão sobre o encontro ali ocorrido: “Eles vieram aqui e nós fiquemos contando mentira! Contemos um bocado de causo! Fiquemos umas horas contando causo! Ih, nós mentimos bom!”. Esses modos de se comentar sobre uma conversa indicam a ocasião de “divertimento” e “animação” originada por uma visita. Assim se define a “boa prosa”. A partir dos causos que se ouvem e se contam, um puxando o outro, a gente “cria intimidade”, “tem costume”, estabelece “conhecimento” com pessoas que se tornam então “chegadas”. Fulano é muito conhecido meu! É meu chegado, vem aqui, a gente conta causo é um bando! Tais fórmulas falam sobre relações assumidas como boas. Ouvir e contar causos é causa e efeito do “querer-bem”, “se dar bem”, “combinar”. Inversamente, pode-se dizer: “Fulano é boa pessoa, mas a gente não combina, o sangue parece que não bate, é mode a prosa dele”.

Narrar um *causo*, ou o *causo* de um *causo*, é, neste sentido, fazer-se “chegado”. A palavra “mentira” usada nestes contextos não é senão uma “brincadeira” para com aquele de quem se pretende intimidade; uma pirraça gentil, uma vez que indicadora tanto de amizade quando do espanto causado pelo que nos contam; o espanto que se espera de um bom *causo*. Assim, o termo “mentira” pode denotar – no caso específico da brincadeira entre chegados – um caso particular de elogio. Contar *causo*; contar mentira; conversar; prostrar. Estes termos são muitas vezes sinônimos. Por serem usados com tamanha frequência, à primeira vista não parece possível definir precisamente o que é um “*causo*”; seria apenas mais um, entre outros tipos de designação genérica para a circulação de palavras buraqueiras. Mas vale aqui um esforço de precisão.

Um *causo* caracteriza-se por sua repetição, podendo, a rigor, consistir em uma frase ou em preleções de mais de hora. “Fulano foi ontem na casa de Cicrano, ele mesmo me contou o *causo*”, diz-se ordinariamente. “Fulano foi trazantontem na casa de Cicrano, foi Beltrano que me disse, Fulano mesmo foi quem contou o *causo* pra Beltrano”. Esta forma de se estender a repetição de uma informação faz do fato e de suas versões uma espécie de cadeia narrativa que os buraqueiros chamam “*causo*”. Trata-se de um acontecimento, um fato, mas cuja importância pode ser nenhuma a não ser pelos elos explicitados entre pessoas e transmissão do episódio narrado. Notem-se, contudo, os variados graus de importância. Um *causo* mais instigante foi, por exemplo, o de Miguelão sobre o ocorrido na casa de seu primo. Ainda maior interesse despertaria nos ouvintes se houvesse o *causo* resultado em conflito aberto, quicá em morte. O *causo* de Miguelão teve a força da virtualidade não atualizada dos acontecimentos lúgubres.

A variação na forma daquilo que identificamos como “*causo*” no sentido buraqueiro merece aqui se justificar. A rigor, o “*causo*” poderia ser dado como sinônimo de “ocorrido” (para nos limitarmos a dois termos buraqueiros), no sentido de que, quando alguém se refere ao primeiro, está necessariamente se referindo ao segundo. Como identificou Herzfield (1985, p. 174) a respeito do que os habitantes de uma aldeia de Creta lhe contavam sobre os roubos de animais (vividos por eles como espécie de iniciação ritual à vida adulta masculina), ‘se as narrativas reproduzem a qualidade do rapto, também é verdade que o rapto por sua vez possui algumas das propriedades expressivas da narrativa’. O narrador conta: ‘lembro-me da primeira vez que me meti em

um tal *causo*' (tradução minha), isto é, em uma tal '*istoria*', no vocabulário local, ou '*tale*', conforme a tradução para o inglês feita por Herzfield (1985, p. 163). É importante buscar imaginar, por esta perspectiva, não uma narrativa que *organiza* uma já dada experiência, mas um modo narrativo que se faz na própria experiência, no próprio modo de vivê-la. Assim, na sintaxe buraqueira, o *fato* é ele mesmo um "causo", uma ordenação particular de uma experiência pessoal singular.

Ao se deslocarem de uma narrativa particular, repetindo-se em versões variadas, os rastros desta experiência vão se modificando, não em função de uma memória seletiva individual, mas à medida que o *causo* se vai recriando por meio das suas diversas versões; muitas vezes gerando fatos que lhe dão continuidade, advindos dos posicionamentos gerados pelos relatos. Fulano disse que Beltrana contou, mas Beltrana contou que Cicrano fez foi outra coisa. A 'função-narrador' (ou 'função-autor', como escreve Foucault, 1994 [1969]), se metamorfoseia à medida de sua repetição, numa experiência da qual participam diversos ouvintes e narradores. O *causo* reveste-se, assim, de uma sucessão potencialmente infinita de narrativas pessoais reunidas em um bloco de informações e posicionamentos diversos, incluídos em uma mesma série que integra um único *causo*, um único *fato*. Eu sei do *causo*, quem me contou foi Fulano, diz-se. Em expansão contínua, não só para além do ocorrido narrado como à distância de seu primeiro relato, o relato perpetua-se na boca de uma vizinhança que se amplia em função da circulação de prosa. Pode-se dizer, um "causo" é um *fato* que circula pela palavra – uma definição deliberadamente ampla e vaga¹.

O *causo* constitui uma noção específica uma vez que os buraqueiros se referem a ela para localizar quem disse o quê sobre determinado acontecimento. Esses dizeres, por sua vez, envolvem também localizações e posicionamentos pessoais e/ou coletivos. Algo como no mito de Lévi-Strauss (1964, p. 35), a variação contínua de um *causo* ocupa um lugar intermediário (*place moyenne*) entre a linguagem musical e a linguagem articulada (da informação comunicada por uma via lógica): sua dimensão estética merece a atenção privilegiada de seus ouvintes. A contação de *causos* transporta os interlocutores por uma apreciação sensível estabelecida a certa distância (embora não de todo descolada) da informação transmitida. O *causo* difere-se das funções fáticas presentes em uma interlocução buraqueira ordinária, bem como das mensagens informativas que se transmitem ali de um para

outro, ou das informações diretas dadas com um objetivo em especial (o estado da estrada; os sinais da chuva; a entrega de uma encomenda), embora estas também possam derivar em causos. Neles, o tempo passado (narrado) torna-se permanente; se não por sua estrutura, conforme a análise do mito levistraussiano (LÉVI-STRAUSS, 1975 [1955], p. 241), por seu efeito centrípeto: fato e versão (referente e discurso) colapsam-se na experiência presente da interlocução. Neste sentido, é importante considerar, como consideram os buraqueiros, que cada narrador conta as histórias à sua maneira, sendo um mesmo caso composto por um enorme leque de variações, constituindo um encadeamento de versões que funcionam umas como comentário das outras. Para além da repetição de um caso específico, a prosa prolongada ainda traz outros casos que, postos em sequência numa dada conversa, funcionam como se constituíssem, em seu conjunto, um argumento encadeado na forma de um mosaico. Em uma conversa, um dado caso escutado remete a outro caso narrado, os interlocutores alternam-se em suas posições de ouvintes e falantes, ligando os diversos casos contados por uns e outros, em uma narrativa de autoria coletiva.

Em ocasião de visita, os casos ganham atenção especial. Exploram-se seus cortes, términos, paradas, e do lado do ouvinte, recebem silêncio, até que outros casos são puxados, emendados, tornando-se cada um o comentário sobre o que foi dito anteriormente. Um caso recente tido por intrigante é em geral inaugural na sequência de apartes pessoais que em geral levam a outros casos tidos ali como análogos. Nesta sequência encadeada consiste a prática de contar casos. De um jeito ou de outro, as locuções são testemunhos da experiência de quem conta, seja por sua participação direta, seja pela via da escuta de quem teve parte no ocorrido, o que por sua vez pode ocorrer de segunda mão ou ainda mais distante – *o caso do caso* ouvido mantém-se independente de quantos intermediários existirem entre a primeira versão e aquela que se narra.

Assim, por um lado, podemos considerar esta fórmula narrativa como propriamente autoral, particular: suas evidências baseiam-se numa reconstituição da experiência de quem narra, por ter estado lá (cf. GEERTZ, 2002 [1988], p. 11-40). Por outro lado, a prática de contar caso constitui uma espécie de tecido discursivo (FOUCAULT, 1969, p. 97), pois que não se encerra em uma unidade identificável nos termos de uma *obra*, ou de uma *função-autor*. A circulação de um caso aproximar-se-ia, neste sentido,

da ideia de uma *linha de pensamento*, como a economia política, a história natural. Integrando um conjunto de práticas discursivas específicas, um único caso é necessariamente composto por uma série de versões. Além disto, ao ser contado, um caso puxa outro, trazido pelo interlocutor com o intuito de traçar analogias ou comparações, aproximando experiências ao mesmo tempo em que cria intimidade, *conhecimento*, entre ouvintes e falantes.

Necessariamente vinculado à sua interlocução – isto é, ao que se ouve das outras partes envolvidas e ao que se quer fazê-las ouvir –, ao ser narrado, o caso causa efeitos não só nos que escutam como também em quem o narra. Contamina, tal qual certa vez disse o Prefeito de Chapada a uma funcionária grevista que ele identificara como liderança: “Você está contaminando os outros!”, acusou em uma reunião de reivindicações. “Eu não sou doente para contaminar ninguém!”, respondeu ela, com o coro contrariado dos demais. Se deixavam que ela falasse em nome dos outros era porque pensavam igual, reagiu-se então. Mas o caso do comentário do Prefeito se difundiu em “diz-que-diz-que”, e o poder de “contaminação” da funcionária passou a ser jocosamente associado à sua desenvoltura retórica: “aquela ali é boa na prosa!”, diziam em misto de ofensa e elogio. A prosa promove, portanto, o colapso não só entre fato e versão, como vimos, mas também entre falante e ouvinte.

Um movimento de reconhecimento mútuo se faz a partir de relações pessoais e geográficas, que situam o ouvinte a respeito do narrado e em função dos parâmetros apresentados pelo narrador. Neste sentido, a narrativa é bricolagem; reúne determinados conjuntos factuais: a “parentesa”, as histórias dos lugares, os acontecidos das biografias formam imagens independentes de sua posição na argumentação da qual são parte constitutiva². Por esta bricolagem, o modo da conversa não se distingue daquilo que se tem a dizer, uma vez que o narrado não se separa das unidades relacionais acionadas por cada imagem trazida à narração. E a forma de um caso se mistura aos elos que lhe dão sentido. “Contar caso” é, em suma, uma conversa em que se aprecia o “modo da prosa”, “uns aos outros”, no dizer buraqueiro (uns apreciando os “modos” dos outros).

À medida que um caso estabelece relações que puxam outros casos, estes por sua vez com novas relações, reforçam-se configurações de “povos”, pois que o caso puxa comentários, sendo ele mesmo um posicionamento deliberado, no qual narrador e ouvinte compartilham a experiência do

ocorrido narrado. Como vimos sobre a relação entre fato e narrado, o sujeito falante é inextricável ao acontecimento que narra: envolve os ouvintes em seu objeto de escuta, à medida que os instiga a experimentarem os efeitos da prosa como se fossem os efeitos do acontecimento narrado. A “conversa” funciona, assim, como um jogo cujas regras não se limitam a uma combinação estratégica; é antes o resultado de uma relação que só se conhece no próprio gesto da prosa, em seu porvir. Narrador e ouvinte são implicados em uma relação de aproximação dinamizada por “cálculos” de parte a parte.

O sucesso no relato de um caso é como em um processo de “catira” [negociação]: leva tempo e paciência, o “catireiro” obrigando seu interlocutor a entrar em uma relação que só existe no ato presente da interlocução, no gesto próprio de negociar, criando-se uma necessária coprodução³. Trata-se neste sentido do que elabora Stengers (2005, p. 159-160), a partir de Leibniz, sobre a noção de ‘cálculo’:

Calculemus!, dizia Leibniz, matemático-filósofo mas também diplomata. Não se tratava absolutamente da injunção a ter que se submeter a um modelo geral, mas da produção de dois processos inseparáveis: aquele que cria a ‘consistência’ do problema (...) e aquele que cria o “nós” da situação problemática (...). (STENGERS, 2005, p. 159-160).

“Cálculo” é uma expressão buraqueira usada em geral como sinônimo de “sentido”, “juízo”. Como quando se diz: “ouvi o barulho acolá e fiquei com o sentido ali, até que decidi ir lá assuntar...”. Ou, “fulano ficou com o ‘juízo’ atrapalhado e esqueceu de dar o recado que mandei”. A ideia constitui um misto de planejamento e possibilidade; interesse e vontade, e nisto se identifica a ideia de *jogo* associada à *oralidade*. Nos casos, esse jogo é deliberado, à maneira do que Comerford escreve sobre a brincadeira cotidiana nas conversas entre pessoas que têm intimidade, na região rural da Zona da Mata de Minas Gerais, pesquisada por ele, conforme o vocabulário local:

Caracterizada por *provocações* mútuas, aparentemente agressivas, e respostas a essas *provocações*, a propósito de um mote qualquer. (...) os temas mais frequentemente usados para provocação podem ser, por exemplo, a sexualidade, a capacidade técnica e intelectual, os atributos físicos, um acontecimento qualquer envolvendo um

dos participantes, a posição política, e assim por diante. (...) Há nisso inúmeras possibilidades de combinações e distinções sutis, que podem adequar o ‘tom’ da *brincadeira* de acordo com os participantes, a situação, o local (COMERFORD, 2003, p. 89-90).

Assim como na situação descrita por Comerford, o cálculo é parte do jogo prazeroso – “entertido” – da prosa buraqueira. Mas, ao contrário do que ocorre nas ‘brincadeiras’ – de relaxada “contação de causo” –, a exposição sobre um determinado “cálculo” se faz, por meio da palavra, para amenizar possíveis mal-entendidos, sendo o argumento também calcado em um cálculo. Este, entretanto, não exposto diretamente. A um vizinho distante, por exemplo, pode-se dizer, como justificativa para o não-cumprimento de uma visita: Eu estava de cálculo em ir à tua casa, mas Fulano chegou e eu “perdi o cálculo”. O cálculo, empenhado no pensamento como na palavra, *fala* de relações no tempo, ao explicitar as relações que *faz*.

Assim, a ambivalência (ou a polivalência) de palavras cujo sentido é variável, conforme as relações internas e externas ao discurso, é engenhosamente administrada pela retórica buraqueira. Sobre o causo da piada mal sucedida de Miguel na casa do primo banguela, o que se notava em princípio era um erro de cálculo: não se imaginou a presença do outro, o homem que “tomou a mulher” do primo. E, assim, o causo se configurou, por seu efeito de surpresa, em um comentário de desculpas: o cálculo de Miguel havia sido, a bem dizer, correto, defendia este. Afinal, quem imaginaria aquela presença?! Além do mais, o outro estava bêbado, ressaltaram os ouvintes, e chegara lá na companhia de outros. “Caçando pinga. Daí para caçar briga...! Quem controla?! Quando o outro bebe, a gente nunca sabe...”, concluiu Tião sobre o causo. Com os bêbados, “molhados”, não se podem calcular as reações; eles têm uma “prosa descontrolada”. A atenção sobre o causo estava nesta tensão específica, indicadora de uma sorte possível. Graças a Deus o causo não findou em briga!, comentou-se. Nada se mencionou ali sobre os rompantes de faca, vez e outra, promovidos pela cachaça, conforme ouvi em causos de outras ocasiões. Mas o balançar das cabeças em sinal de consternação nos fazia lembrar de ocorrências tristes, dos causos que ali se acharam por melhor silenciar. Os presentes importaram-se ao invés disto em rumar a prosa para a questão do divórcio, tendo como exemplo a mulher do povo de lá – parente, mas “da outra beira” – que viera visitar os ex-sogros de cá. Vera contou aos que

proseavam e estes reforçavam com isto sua recriminação diante do ocorrido, misturando-se comentários de opinião comum.

O conhecimento que se cria e se transmite numa contação de causos não é, portanto, redutível à síntese; não pode ser traçado como um modelo prescrito; só existe enquanto singularidade presente, criada na própria relação de conversa. Pode-se, por este viés, aproximar a “contação de causos” enganchados uns nos outros daquilo que Lévi-Strauss (1964, p. 32) identificou na música serial em analogia ao modelo astronômico. Hélas!, suspira o autor, nada garante que os corpos de um universo em expansão sejam animados pela mesma velocidade, nem que se desloquem em uma mesma direção. Sem um padrão que se reconheça, o auditor da música serial é retirado de sua passividade. Assim, especula o autor, pode ser que este gênero musical se afaste de seu auditor, tornando-se muito distante para emocioná-lo, atraí-lo, puxá-lo (*l'entraîner*).

De forma similar, na prosa lenta dos Buracos, o que se prescreve como fim é apenas a abertura a outros causos, isto é, outros fins e novas relações de mapeamento e análise. A habilidade do contador de causos está em fornecer ao ouvinte não só a informação do movimento no tempo e no espaço, mas a experiência da surpresa no modo como se deu quando do “ocorrido”. E não é que foi mesmo desse jeito!!, repete o locutor às vezes ao finalizar o causos, para então rerepresentar o encadeamento dos movimentos que deram no que inesperadamente ocorreu. A forma da surpresa é frequentemente o mote a partir do qual um interlocutor traçará a conexão com outro causos; a memória despertada pela surpresa traz à ideia um novo causos a ser contado, em um exercício coletivo de encadeamento mnemônico. O sentido do que se conta é, portanto, “puxado” pelo “rumo da prosa”, isto é, pelo movimento contingente da conversa, estando assim necessariamente vinculado ao sentido das relações atualizadas entre os falantes presentes.

3. Fazendo visita

O rumo da prosa diz sobre relações. O chamado “prosa ruim” é aquele que notoriamente conduz mal a conversa, puxando temas que deveriam ser silenciados. Mas cabe notar que não existe um critério universal a julgar o que deve ou não ser dito, pois, como vimos, tudo depende da qualidade das relações entre os presentes, e sobretudo da história que os envolve em uma

rede relacional mais ampla. Assim, o sutil entrevero ocorrido entre Vera e seu marido Tião, quando ela disse que, além de cunhados, Tião e Miguelão eram primos, revela-nos uma tensão não dita – entre Miguel e Mãezinha, irmã de Tião –, forjada na história da separação. A ênfase na afinidade buscava equilibrar esta tensão. Da mesma forma, o movimento que orientou a prosa do alpendre para a cozinha transformava o que podia ser um encontro passageiro em um momento mais ritualizado da visita.

Note-se que nem todo “chegante” é um “visitante”. O primeiro termo designa qualquer um que chega: uma casa vive cheia deles, gente da vizinhança, chegando para logo sair. Ou gente de fora, mas com destino certo noutra parte: “A demora vai ser pouca...”, assim avisam logo. Encostam à cerca ou passam pela cozinha para assuntar qualquer coisa ou apenas pedir a bênção dos de casa, sejam avó e avô, tio e tia, sogro e sogra, “gente de casa”. Bebem uma copada d’água do pote; ciscam um resto de merenda. Às vezes, chegam com algum sentido: por exemplo, perguntar qual foi o remédio usado para bicheira no saco do boi, pois que o mal chegou ao pasto do outro: “Os meus, está tudo”, explica o chegante. Ou pedir emprestado o estojo, “mode vacinar o animal”: A seringa dilatou, conta outro; “botei a água fervendo nela para lavar, aí arruinou. Quis ser ativo demais, acabei sendo besta!”. O vizinho logo pega de empréstimo e volta no próprio rastro. Então outro chega e conta o caso de sua eguinha: Só tenho aquela para caminhar, não quero parir ela não, diz; égua criada tem uma caminhada dura. A vizinha vem dizer que passou “ni Fulano e ele devia estar amuado, pois nem gritou o cum’vai”. E passa outra que não é vizinha, mora para lá do Retiro, vem da Vila, descendo a ladeira com as compras do mercado. Encosta um instante à cerca e reclama dos filhos que saíram rompendo em sua frente, deixaram rasgar as sacolas, andando de qualquer jeito pelo caminho. É tolo!, ralha a mãe. Quando esta vai, outro chega e comenta: “é para ela deixar de ser besta, ficar comprando comida pros filhos beberem cachaça, pois se ela mesma não pára em casa, não é ela que come...”. Às vezes, o tempo desses assuntos rende até a hora do almoço ou da janta e pode ser que os de intimidade resolvam comer por ali mesmo, mas isto não caracterizará uma visita. “É gente acostumado; gente que é ‘mesmo que ser da casa’”.

Miguelão vem hoje aos Buracos apenas por motivo de festa. Quando vem, portanto, se lhe esperam visitas. Sua chegada à casa de Tião, mesmo que não viesse com tal intenção, trazia a expectativa da prosa demorada,

alimentada pela memória comum dos “tempos de primeiro” e pelos ocorridos recentes que acompanhavam mutuamente, um ao outro, à distância, graças às notícias que circulam junto aos rapazes que vêm e vão “mode as mexidas de gado”.

O caso de Tião era sabido. Havia piorado das vistas no último ano, estando agora praticamente cego. Enxerga mal-mal algum laivo colorido! Pelo menos a vista não trancou de vez, reconforta-se o antigo Sebastião Russo. Sem poder trabalhar, queixa-se por estar jogando no mato o que acumulou durante os anos de saúde e juventude. Dos filhos homens, só Guinho mantém-se na lida de roça; José mora em Brasília e Joel, cego de nascença, não é para estes serviços. Mas Guinho, o único que cuida da roça, é sair e voltar daquela cachaça ruim... A casa rebocada e telhada, as terras para além das herdadas e a casa de farinha, hoje sem uso, são ganhos do passado. Recentemente, Tião passou por um dificultoso périplo às voltas com médicos e exames que lhe custaram a venda de gado e lhe deram pouco resultado. Sua filha Júlia teve que descer aos Buracos porque estavam no cálculo de voltar hoje. Para depois tornar a subir para a Vila, porque amanhã partem os dois, pai e filha, para Montes Claros. Consulta já marcada de acordo com o encaminhamento do Dr. Reginaldo, do Posto da Vila: “Encaminhou um tal angioplasta; diz’que é um exame na veia. Então é coisa séria mesmo. Deve ser caro, exame de sangue não serve. Dr. Reginaldo alarmou urgência, ou se não ia ter que arrancar os pés!”, assustou-se Tião. “É porque o sangue fica parado aí roxeia e morre. A aposentadoria é só em remédio! E o de-comer come inteirinha a aposentadoria” de Vera⁴. Tião explica que sente os pés muito frios, aí ele mesmo faz massagem, esfrega os pés com as mãos, depois caminha um pouco, melhora; mas “fica sentindo aquela dormência nas solas dos pés. E só vendendo gado...”.

“Gado a gente tem é para esses ocorridos mesmo”, diz Miguelão, procurando consolar o outro. “Agradecer a Deus que tem o gado para vender!”. A esta altura, já estavam na cozinha de Vera, e Miguel perguntara sobre os olhos de Sebastião, já queixado logo que se cumprimentaram. A ocasião dos detalhes do caso só veio por causa do tempo que se prolongou em forma de visita. Fora com talento que Vera conduzira os chegados até sua cozinha, pois que a intenção inicial deles era “só encostar”. Deu-se ali, portanto, um gesto exemplar desta mexida feminina da qual depende o bom funcionamento de uma visita. Cálculos engenhosos sobre o tempo e os mantimentos disponíveis.

Cada mulher tem seu jeito e elas conversam fartamente sobre as diferenças pessoais. O sucesso ou fracasso de uma visita será, em sua avaliação retroativa (ao narrar-se o caso da visita), um ou mais comentários sobre a qualidade da comida e o que fez a dona da casa, como e em que tempo. “Só faltou dar o decomer na boca”, diz-se em prol da recepção. E o elogio se estende quando se nota a rapidez com que a anfitriã tratou a galinha “mode oferecer às visitas”. A mulher orquestra a hora de passar o café e arruma um arranjo de comida com o que sobrou, guardou ou preparou de véspera, por ocasião de outro acontecido. Mulher tem sempre um jeitinho.

Como não podia deixar de ser, Miguel aceitou de pronto o convite não-dito da casa, fazendo-se visitante ao lado do outro primo, este morador da vizinhança, mas naquela contingência, recebido como “visita”, puxado pela presença do parente saudoso. Miguel também andara com problemas de saúde e, agora recuperado, devia notícias em “fazendo presença”.

Como o primo que o acompanhava, Miguelão fora deixado pela esposa e hoje, também como aquele, mora só. Sua ex-mulher é Ana, irmã de Tião, chamada Mãezinha por quase todos nos Buracos. Pegou-se o costume deste modo de chamar, puxado pelos sobrinhos sanguíneos, que são maioria entre todos os buraqueiros da geração conseguinte à dela. Ao largar o marido, Mãezinha voltara para a terra que herdara nos Buracos, sendo hoje vizinha de seus irmãos. Primeiro ficou morando de favor na casa destes, pulando como galinha que cisca, uns meses na casa de um, uns meses na casa de outro. Uma agonia!, contara-me ela. Até que se mudou para o rancho construído por um dos irmãos, junto com um sobrinho. A palha de buriti quem tirou foi outro sobrinho, que também “deu dado” o serviço de colocá-la. Aos poucos, as paredes de palha deram lugar ao adobe. Recentemente, os filhos agora crescidos rebocaram-nas com o barro amarelo que caçaram no trecho colorido da ladeira. Mãezinha vive atualmente solteira e em companhia de seus dois filhos, que depois do caso da doença do pai e a despeito dos protestos da mãe, passaram a se revezar entre fazer companhia a um e outro. O menino mais novo de Mãezinha, depois que arranhou uma paquera no Rio Preto, na vizinhança do pai, aí é que não sai mesmo de lá! Aproveitando a desculpa do gado que o pai lhe deu sob condição de que ele mesmo tome conta. Filho é para ficar de junto da mãe!, reclama Mãezinha, lembrando o sofrimento de quando perdeu os outros quatro filhos que teve, mortos ainda em idade de começar a caminhar, por disenteria ou febre. Diz’que por isto –

dizem! – Mãezinha teve o juízo meio arruinado. Teve épocas em que a cabeça arruinou mesmo!, conta o povo. “Mãezinha, tadinha, tão boinha! E foi pela agonia na cabeça que separou do marido. Não pode com barulho. Miguelão é barulhento, aquela zoada no ouvido da gente...”.

O caso de Mãezinha, eu sabia. Mas não me foi contado naquela ocasião da chegada de Miguelão. Ela mesma já me havia contado uma parte, o resto haveria de ser dito e entredito por outros, ao longo de minha estada nos Buracos; um trecho aqui outro ali, ninguém pretendendo detalhes. Pela mesma via sorrateira informei-me sobre como a boa relação entre Miguel e Tião se fazia em contraste ao desconforto provocado pela separação entre o primeiro e a irmã do segundo. Tomei conhecimento disto quando os dois homens se apresentaram diante de mim como cunhados, acentuando ali a importância de seu vínculo. E quando o “aparte” de Vera sobre o fato de serem também primos, embora condizente com o sentido daquela afirmação de intimidade, inspirou a repreensão de Tião. Haviam de ser cunhados. Da mesma forma que aquela chegada se merecia como *visita*.

Notas

1 Como escreve Lévi-Strauss (1964, p. 12), um mito se mostra como tal à medida que se mostra capaz de ajudar a compreender outro mito. ‘Rejeitamos qualquer definição muito precipitada sobre o que é ou não mito’, diz o autor, no que o poderíamos seguir para o caso do caso.

2 A noção de ‘bricolagem’ é inspirada aqui na formulação de Lévi-Strauss (2004 [1962], p. 15-50) em sua clássica discussão sobre o ‘pensamento selvagem’.

3 Ao descrever o ‘*cálculo* que governa a lida e rege a catira’, Ribeiro e Galizoni (2007, p. 65-74) contam que ‘o catireiro finge ser sonso no jogo de deixar a palavra inicial ao parceiro’, além disto ele ‘tem que ser *conhecido*, ter bens próprios e ter sua rede de informantes’ (grifos meus).

4 Vera e Tião pertencem à primeira geração de buraqueiros a usufruir da “aposentadoria de lavrador”. A preocupação em conseguir o benefício e os planos que esta perspectiva futura abre são assuntos constantes na prosa buraqueira. O “lavrador” aposenta-se mais cedo do que o “empregado de cidade”. Para receber a aposentadoria, além da idade mínima, é necessário estar cadastrado no Sindicato dos Trabalhadores Rurais e comprovar que sua atividade seja exclusivamente a de lavrador(a). Para isto, é necessário levar ao Posto do INSS, em Januária, além da documentação, duas pessoas que sejam “testemunhas” de tal condição.

Referências bibliográficas

COMERFORD, John Cunha. 2003. *Como uma família: sociabilidade, territórios de parentesco e sindicalismo rural*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, p. 25–139.

FOUCAULT, Michel. 1994[1969]. “Qu’est-ce qu’un auteur?” In: *Dits et écrits*. Paris: Éditions Gallimard.

GEERTZ, Clifford. 2002 [1988]. “Estar lá: a antropologia e o cenário da escrita”. In: *Obras e vidas: o antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.

HERZFIELD, Michael. 1985. *The Poetics of Manhood: Contest and identity in cretan Mountain Village*. Princeton: Princeton University Press.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1964. *Le cru et le cuit*. Paris: Plon.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 2004[1962]. *O pensamento selvagem*. 4ª edição. São Paulo: Papirus.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1975[1955]. “A estrutura dos mitos” In: *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. p. 237-264.

RIBEIRO, Eduardo Magalhães e GALIZONI, Flávia Maria. 2007. “A arte da catira: negócios e reprodução familiar de sitiantes mineiros”. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, jun. vol. 22, n. 67.

STENGERS, Isabelle. 2005. “Calculamus”. In: *Cosmopolitiques II*. Paris: La Découverte.

RESUMO

A partir de um “causo” de visita de parentes em um povoado rural, vemos como a prosa vai ali ganhando novos contornos, à medida que observamos as relações pessoais e familiares que dão continuidade ao ocorrido narrado, produzindo sentidos muitas vezes não verbalizados, contidos nos posicionamentos gerados pelas narrativas ditas e ouvidas no ambiente doméstico. Um determinado relato reveste-se, assim, de uma sucessão potencialmente infinita de narrativas pessoais, reunidas em uma cadeia de informações e perspectivas variadas. Em expansão contínua, não só para além do ocorrido narrado como também à distância física e temporal de seu primeiro relato, o ocorrido perpetua-se na boca de uma vizinhança que se amplia em função da circulação de visitas, e nos dá a imagem de uma coletividade familiar em constante movimento.

Palavras-chave: narrativas, relações familiares, prosas, causo.

ABSTRACT

Analyzing a story of a visit between relatives in a rural village, we see how the prose acquire new dimensions as we observe personal and familiar relationships. The senses of prose are often unspoken, that are contained in diferente perspectives generated by the narratives in the household. One particular story lines thus a potentially infinite succession of personal narratives, gathered in a chain of information and varied perspectives. Not only beyond but also from a distance (physical and temporal) of his first report, the incident narrated is perpetuated in the neighborhood that expands itself depending on the movement of visitors, and gives us the image of a familiar collective in constant motion.

Keywords: narratives, familiar relationships, prose, story.

Recebido para publicação em julho/2013.

Aceito em outubro/2013.